



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

ANO XVII — Nº 2

CAPITAL FEDERAL

TERÇA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1962

CONGRESSO NACIONAL

PRESIDÊNCIA

Convocação de sessões conjuntas para apreciação de vetos presidenciais

O Presidente do Senado Federal, nos termos do art. 70, § 3º, da Constituição e do art. 1º, n° IV, do Regimento Comum, convoca as duas Casas do Congresso Nacional para, em sessões conjuntas a realizarem-se nos dias 20, 22 e 27 do mês em curso, às 21 horas e 30 minutos, no Plenário da Câmara dos Deputados, conhecerem dos seguintes vetos presidenciais:

Dia 20:

veto (total) ao Projeto de Lei nº 1.752, de 1960, na Câmara e nº 118, de 1961, no Senado, que reestrutura o Quadro de Oficiais Dentistas do Exército, modificando a Lei nº 2.414, de 8 de fevereiro de 1955;

veto (parcial) ao Projeto de Lei nº 2.970, de 1961, na Câmara e nº 127, de 1961, no Senado, que orga a Receita e fixa a Despesa da União para 1962;

Dia 22:

veto (parcial) ao Projeto de Lei nº 3.209, de 1961, na Câmara e nº 202, de 1961, no Senado, que complementa o art. 6º da Emenda Constitucional nº 3, relativamente à Magistratura e ao Ministério Público e dá outras providências;

veto (parcial) ao Projeto de Lei nº 3.378, de 1961, na Câmara e nº 175, de 1961, no Senado, que aplica aos cargos e funções de Quadro do Pessoal dos órgãos da Justiça do Trabalho da 1ª Região disposições das Leis ns. 3.780, de 12 de julho de 1960 e 3.826, de 23 de novembro de 1960 e dá outras providências;

veto (parcial) ao Projeto de Lei nº 2.839, de 1961, na Câmara e nº 193, de 1961, no Senado, que dispõe sobre a organização do Ministério da Indústria e do Comércio;

Dia 27:

veto (parcial) ao Projeto de Lei nº 2.222, de 1957, na Câmara e nº 13, de 1960, no Senado, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional

Congresso Nacional — Fevereiro de 1962.

AURO MOURA ANDRADE

Vice-Presidente, no exercício da Presidência

SENADO FEDERAL

MESA

Presidente — Senador Moura Andrade (PSD) — Em exercício.
Vice-Presidente — Senador Moura Andrade (PSD).

1º Secretário — Senador Cunha Mello (PTB).

2º Secretário — Senador Gilberto Marinho (PSD).

3º Secretário — Senador Argemiro de Figueiredo (PTB).

4º Secretário — Senador Novaes Filho (PL).

1º Suplente — Senador Mathias Olympio (PTB).

2º Suplente — Senador Guido Mondin (PSD).

LÍDERES E VICE-LÍDERES

Da Maioria

Líder:

Felinto Müller (PSD).

Vice-Líderes:

Lima Teixeira (PTB).

Nogueira da Gama (PTB).

Victorino Freire (PSD).

Lobão da Silveira (PSD).

Jorge Maynard (PSP).

Guido Mondin (PSD).

Da Minoria

Líder:

João Villasboas (UDN).

Vice-Líderes:

Daniel Krieger (UDN).

Mem de Sá (PL).

Dos Partidos

DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO

Líder:

Benedito Valadares.

Vice-Líderes:

Gaspar Veloso.

Victorino Freire.

DA UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL

Líder:

Daniel Krieger.

Vice-Líderes:

Rui Palmeira.

Heribaldo Vieira.

DO PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO

Líder:

Barros Carvalho.

Vice-Líderes:

Nelson Maculan.

Fausto Cabral.

Arlindo Rodrigues.

DO PARTIDO LIBERTADOR

Líder:

Mem de Sá.

Vice-Líder:

Aloísio de Carvalho.

DO PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA

Líder:

Jorge Maynard.

DO PARTIDO TRABALHISTA NACIONAL

Líder:

Libro de Matos.

Representação Partidária

PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO

1. Lobão da Silveira — Pará.

2. Victorino Freire — Maranhão.

3. Sebastião Archer — Maranhão.

4. Eugênio Barros — Maranhão.

5. Menezes Pimentel — Ceará.

6. Jarbas Maranhão — Pernambuco.

7. Silvestre Fêrcies — Alagoas.

8. Ary Vianna — Espírito Santo.

9. Jefferson Aguiar — Espírito Santo.

10. Gilberto Marinho — Guanabara.

11. Paulo Fernandes — Rio de Janeiro.

12. Moura Andrade — São Paulo.

13. Gaspar Veloso — Paraná.

14. Alô Guimayães — Paraná.

15. Francisco Gallotti — Santa Catarina.

16. Guido Mondin — Rio Grande do Sul.

17. Benedito Valadares — Minas Gerais.

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR-GERAL

ALBERTO DE BRITO PEREIRA

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES
MURILO FERREIRA ALVESCHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO
MAURO MONTEIRO

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

Impresso nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional
BRASILIA

ASSINATURAS

REPARTIÇÕES E PARTICULARES

Capital e Interior

Semestre	Cr\$ 50,00
Ano	Cr\$ 96,00
Exterior	
Ano	Cr\$ 136,00

FUNCIONARIOS

Capital e Interior

Semestre	Cr\$ 39,00
Ano	Cr\$ 76,00
Exterior	
Ano	Cr\$ 108,00

— Excetuadas as para o exterior, que serão sempre anuais, as assinaturas poder-se-ão tomar, em qualquer época, por seis meses ou um ano.

— A fim de possibilitar a remessa de valores acompanhados de esclarecimentos quanto à sua aplicação, solicitamos dêem preferência à remessa por meio de cheque ou vale postal, emitidos a favor do Tesoureiro do Departamento de Imprensa Nacional.

— Os suplementos às edições dos órgãos oficiais serão fornecidos aos assinantes somente mediante solicitação.

— O custo do número atrasado será acrescido de Cr\$ 0,10 e, por exercício decorrido, cobrar-se-á mais Cr\$ 0,50.

Guido Mondim.
Reginaldo Fernandes.

Secretário: Evandro Mendes Viana,
Diretor-Geral.

Comissão de Constituição e Justiça

TITULARES

Jefferson de Aguiar, Presidente (PSD).

Daniel Krieger, Vice-Presidente (UDN).

Venâncio Igrejas (UDN).

Milton Campos (UDN).

Heribaldo Vieira (UDN).

Silvestre Pericles (PSD).

Ruy Carneiro (PSD).

Lourival Fontes (PTB).

Nogueira da Gama (PTB).

Aloysio de Carvalho (PL).

Barros Carvalho (PTB).

SUPLENTE

1. Rui Palmeira (UDN).

2. Freitas Cavalcanti (UDN).

3. João Arruda (UDN).

4. João Villasboas (UDN).

1. Ary Vianna (PSD).

2. Benedito Vialadras (PSD).

3. Francisco Gallotti (PSD).

1. Lima Teixeira (PTB).

2. Vivaldo Lima (PTB).

3. Miguel Couto (PTB).

1. Mem de Sá (PL).

Secretário: José Soares de Oliveira Filho, Oficial Legislativo.

Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Economia

TITULARES

Gaspar Veloso, Presidente (PSD).

Fausto Cabral, Vice-Presidente (PTB).

Fernandes Tavora (UDN).
Sergio Marinho (UDN).
Del Caro (UDN).
João Arruda (UDN).
Alô Guimarães (PSD).
Lobão da Silveira (PSD).
Nogueira da Gama (PTB).

SUPLENTE

1. Mourão Vieira (UDN).

2. Joaquim Parente (UDN).

3. Irineu Bornhausen (UDN).

4. Ovidio Teixeira (UDN).

5. Eugênio Barros (PSD).

1. Francisco Gallotti (PSD).

3. Sebastião Archer (PSD).

1. Lima Teixeira (PTB).

2. Saulo Ramos (PTB).

Secretário: José Soares de Oliveira Filho, Oficial Legislativo.

Reuniões: Quartas-feiras, às 15,30 horas.

Comissão de Agricultura, Pecuária, Florestas, Caça e Pesca

Titulares:

Nelson Maculan - Presidente (PTB).
Eugênio Barros - Vice-Presidente (PSD).

1. Silvestre Pericles - PSD.

2. Ruy Carneiro - PSD.

3. Jarbas Maranhão - PSD.

4. Menezes Pimentel - PSD.

5. Pedro Ludovico - PSD.

3. Vivaldo Lima - PTB.

2. Arlindo Rodrigues - PTB.

Sebastião Archer (PSD).

3. Paulo Fender - PTB.

4. Lima Teixeira - PTB.

1. Aloysio de Carvalho - PL.

Secretário: Renato de Almeida Chermont - Oficial Legislativo.

Reuniões: Quintas-feiras às 18 horas.

1 - Pedro Ludovico

2 - Lobão da Silveira

2 - Francisco Gallotti
PTB
1 - Saulo Ramos
3 - Lima Teixeira
Secretário: Maria de Lurdes Oliveira, Oficial Legislativo.

SUPLENTE

1. Mourão Vieira (UDN).

2. Joaquim Parente (UDN).

3. Irineu Bornhausen (UDN).

4. Ovidio Teixeira (UDN).

1. Eugênio Barros (PSD).

2. Francisco Gallotti (PSD).

1. Lima Teixeira (PTB).

2. Saulo Ramos (PTB).

3. Sebastião Archer (PSD).

Aloysio de Carvalho (PL).

Secretário: José Soares de Oliveira Filho - Oficial Legislativo.

Reuniões: Quintas-feiras às 15,30 horas.

Comissão de Educação e Cultura

TITULARES

Menezes Pimentel - Presidente (PSD).

Padre Calazans - Vice-Presidente (UDN).

Jarbas Maranhão (PSD).

Arlindo Rodrigues (PTB).

Mem de Sá (PL).

Reginaldo Fernandes (UDN).

Saulo Ramos (PTB).

Suplentes:

Coimbra Bueno (UDN).

Lino de Matos (PTN).

Lobão da Silveira (PSD).

Paulo Fernandes (PSD).

Paulo Fender (PTB).

Lima Teixeira (PTB).

Aloysio de Carvalho (PL).

Secretário: Evandro Fonseca Paraguará.

Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Finanças

TITULARES

Daniel Krieger - Presidente - UDN.

Ary Vianna - Vice-Presidente - PSD.

Irineu Bornhausen - UDN.

Daniel Krieger - UDN.

Fernandes Tavora - UDN.

Dix-Huit Rosado - UDN.

Lopes da Costa - UDN.

Gaspar Veloso - PSD.

Nogueira da Gama - PTB.

Lobão da Silveira - PSD.

Barros Carvalho - PTB.

Eugênio Barros - PSD.

Mem de Sá - PL.

Fausto Cabral - PTB.

Filinto Muller - PSD.

Saulo Ramos - PTB.

SUPLENTE

1. Milton Campos - UDN.

2. Joaquim Parente - UDN.

3. Ruy Palmeira - UDN.

4. Coimbra Bueno - UDN.

5. João Arruda - UDN.

6. Del Caro - UDN.

1. Silvestre Pericles - PSD.

2. Ruy Carneiro - PSD.

3. Jarbas Maranhão - PSD.

4. Menezes Pimentel - PSD.

5. Pedro Ludovico - PSD.

3. Vivaldo Lima - PTB.

2. Arlindo Rodrigues - PTB.

Sebastião Archer (PSD).

3. Paulo Fender - PTB.

4. Lima Teixeira - PTB.

1. Aloysio de Carvalho - PL.

Secretário: Renato de Almeida Chermont - Oficial Legislativo.

Reuniões: Quintas-feiras às 18 horas.

PARTIDO DEMOCRÁTICO NACIONAL

1. Mourão Vieira - Amazonas.

2. Zacarias de Assunção - Pará.

3. Joaquim Parente - Piauí.

4. Fernandes Fátima - Ceará.

5. Reginaldo Fernandes - Rio.

14. Nelson Maculan - Paraná.

6. Sergio Marinho - Rio Grande do Norte.

7. João Arruda - Paraíba.

8. Afrânio Lages - Alagoas.

9. Rui Palmeira - Alagoas.

10. Heribaldo Vieira - Sergipe.

11. Ovidio Teixeira - Bahia.

12. Del Caro - Espírito Santo.

13. Alfonso Arinos - Guanabara.

14. Padre Calazans - São Paulo.

15. Irineu Bornhausen - Santa Catarina.

16. Daniel Krieger - Rio Grande do Sul.

17. Milton Campos - Minas Gerais.

18. João Villasboas - Mato Grosso.

19. Lopes da Costa - Mato Grosso.

20. Coimbra Bueno - Goiás.

PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO

1. Cunha Mello - Amazonas.

2. Vivaldo Lima - Amazonas.

3. Mathias Olympio - Piauí.

4. Leônidas Mello - Piauí.

5. Fausto Cabral - Ceará.

6. Argemiro de Figueiredo - Paraíba.

7. Salviano Leite (Suplente do Senador Rui Carneiro) - Paraíba.

8. Barros Carvalho - Pernambuco.

9. Lourival Fontes - Sergipe.

10. Lima Teixeira - Bahia.

11. Caiado de Castro - Guanabara.

12. Arlindo Rodrigues - Rio de Janeiro.

13. Miguel Couto - Rio de Janeiro.

15. Saulo Ramos - Santa Catarina.

Grande do Norte.

16. Nogueira da Gama - Minas Gerais.

PARTIDO LIBERTADOR

1. Novaes Filho - Pernambuco.

2. Aloysio de Carvalho - Bahia.

3. Mem de Sá - Rio Grande do Sul.

PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA

1. Jorge Maynard - Sergipe.

PARTIDO TRABALHISTA NACIONAL

1. Lino de Matos - São Paulo.

MOVIMENTO TRABALHISTA RENOVADOR

1. Paulo Fender - Pará.

SEM FICENDA

1. Dix-Huit Rosado - Rio Grande do Norte.

RESUMO

PSD 20

UDN 20

PTB 16

PL 3

PSP 3

PTN 1

MTR 1

S/Legenda 1

63

Comissões Permanentes

Comissão Diretora

Moura Andrade - Presidente.
Cunha Mello.
Gilberto Marinho.
Argemiro Figueiredo.
Novaes Filho.
Mathias Olympio

Comissão de Legislação Social

TITULARES

Ruy Carneiro, Vice-Presidente — PSD.
Lima Teixeira, Presidente (PTB).
Lino de Matos (UDN).
Venâncio Igrejas (UDN).
Mourão Vieira (UDN).
Menezes Pimentel (PSD).
Miguel Couto (PTB).
Francisco Gallotti (PSD).
Paulo Fender (PTB).

SUPLENTE

1. Dix-Huit Rosado (UDN).
2. Padre Calazans (UDN).
3. Heribaldo Vieira (UDN).
1. Paulo Fernandes (PSD).
2. Lobão da Silveira (PSD).
3. Sebastião Archer (PSD).
1. Barros Carvalho (PTB).
2. Lourival Fontes (PTB).
3. Arlindo Rodrigues (PTB).
Secretário: José Soares de Oliveira Filho, Oficial Legislativo.

Reuniões: Quintas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Relações Exteriores

TITULARES

Vivaldo Lima, Presidente — PTB.
Rui Palmeira, Vice-Presidente — UDN.
Afrânio Lages — UDN.
Heribaldo Vieira — UDN.
Benedicto Valadares — UDN.
Gaspar Velloso — PSD.
Paulo Fernandes — PSD.
Lourival Fontes — PTB.
Aloysio de Carvalho — PL.
Victorino Freire — PSD.

SUPLENTE

1 — Milton Campos — UDN.
2 — Venâncio Igrejas — UDN.
3 — Sérgio Marinho — UDN.
1 — Menezes Pimentel — PSD.
2 — Jefferson de Aguiar — PSD.
3 — Ary Vianna — PSD.
1 — João Mendes — PTB.
2 — Barros Carvalho — PTB.
1 — Mem de Sá — PL.

Secretário: Eurico Jacy Auler, — Oficial Legislativo.
Reuniões: Terças-feiras, às 16,00 horas.

Comissão de Serviço Público Civil

TITULARES

Mourão Vieira — Presidente (UDN).
Jarbas Maranhão — Vice-Presidente — PSD.
Joaquim Parente (UDN).
Paulo Fender (PTB).
Miguel Couto (PTB).
Aloysio de Carvalho (PL).

SUPLENTE

1. Coimbra Bueno (UDN).
2. Padre Calazans (UDN).
1. Ruy Carneiro (PSD).
2. Benedicto Valadares (PSD).
1. Nelson Maculan (PTB).
2. Fausto Cabral — (PTB).
1. Mem de Sá (PL).

Secretária: Italina Cruz Alves, Oficial Legislativo.
Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Transportes, Comunicações e Obras Públicas

Titulares:

Jorge Maynard — Presidente (PSP).
Lino de Matos — Vice-Presidente (UDN).
Coimbra Bueno (UDN).
Victorino Freire (PSD).
Fausto Cabral (PTB).

Suplentes:

UDN

1 — Sérgio Marinho.
2 — João Arruda.
PSD
1 — Jefferson Aguiar.
2 — Eugênio Barros.
1 — Nelson Maculan.
Secretário: Julieta Ribeiro dos Santos, Oficial Legislativo.
Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Saúde Pública

TITULARES

Reginaldo Fernandes, Presidente — (UDN).
Alô Guimarães, Vice-Presidente — (PSD).
Fernandes Távora (UDN).
Pedro Ludovico (PSD).
Saulo Ramos (PTB).

SUPLENTE

1. Dix-Huit Rosado (UDN).
2. Lopes da Costa (UDN).
1. Eugênio Barros (PSD).
2. Jarbas Maranhão (PSD).
1. Miguel Couto (PTB).
Secretária: Julieta Ribeiro dos Santos, Oficial Legislativo.
Reuniões: Quinta-feira, às 16 horas.

Comissão Especial incumbida de emitir Parecer sobre o Substitutivo da Câmara dos Deputados ao Projeto de Lei do Senado nº 36, de 1953, que institui o Código Brasileiro de Telecomunicações

Cunha Mello — Presidente (PTB).
Sérgio Marinho — Relator (UDN).
Jorge Maynard (PSP).
Menezes Pimentel (PSD).
Jarbas Maranhão (PSD).
João Pires de Oliveira Filho — Secretário.

Comissão de Segurança Nacional

TITULARES

Zacharias de Assumpção, Presidente (UDN).
Jarbas Maranhão, Vice-Presidente — (PSD).
Sérgio Marinho (UDN).
Jefferson de Aguiar (PSD).
Francisco Gallotti (PSD).
Miguel Couto (PTB).
Arlindo Rodrigues (PTB).

SUPLENTE

1. Fernandes Távora (UDN).
2. Dix-Huit Rosado (UDN).
2. Jorge Maynard (PSP).
2. Nelson Maculan (PTB).
Secretária: Julieta Ribeiro dos Santos.

Comissão de Educação e Cultura

TITULARES

Menezes Pimentel — Presidente (PSD).
Padre Calazans — Vice-Presidente (UDN).
Jarbas Maranhão (PSD).
Reginaldo Fernandes (UDN).
Arlindo Rodrigues (PTB).
Saulo Ramos (PTB).
Mem de Sá (PL).

SUPLENTE

1 — Coimbra Bueno (UDN).
2 — Lino de Matos (PTN).
1 — Lobão da Silveira (PSD).
2 — Paulo Fernandes (PSD).
1 — Paulo Fender (PTB).
2 — Lima Teixeira (PTB).
1 — Aloysio de Carvalho (PL).
Secretário ad-hoc: Eurico Jacy Auler, Oficial Legislativo.
Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas.

Comissão especial para emitir parecer sobre os documentos que instruem o Projeto de Resolução Nº 5, de 1961.

Senadores:

PL — Novaes Filho — Presidente.
UDN — Sérgio Marinho — Vice-Presidente.
PSD — Alô Guimarães.
PSD — Menezes Pimentel.
PTB — Nelson Maculan.
Secretário: José Soares de Oliveira Filho.

Comissão de Segurança Nacional

TITULARES

Zacharias de Assumpção — Presidente (UDN).
Jarbas Maranhão — Vice-Presidente (PSD).
Sérgio Marinho (UDN).
Jefferson de Aguiar (PSD).
Francisco Gallotti (PSD).
Miguel Couto (PTB).
Arlindo Rodrigues (PTB).

SUPLENTE

Fernandes Távora — (UDN).
Dix-Huit Rosado (S/legenda).
Silvestre Pericles.
Ruy Carneiro (P.S.D.) — Substituto temporariamente pelo Sr. José Feliciano.
Jorge Maynard (PSD).
Saulo Ramos (PTB).
Nelson Maculan (PTB).
Secretária: Julieta Ribeiro dos Santos.

ATA DA 2ª SESSÃO, DA 4ª SESSÃO LEGISLATIVA EXTRAORDINÁRIA, DA 4ª LEGISLATURA, EM 5 DE FEVEREIRO DE 1962

PRESIDÊNCIA DO SENHOR MOURA ANDRADE.

As 14 horas e 30 minutos acham-se presentes os Senhores Senadores:

Paulo Coelho — Vivaldo Lima — Paulo Fender — Zacharias de Assumpção — Victorino Freire — Sebastião Archer — Joaquim Parente — Fausto Cabral — Fernandes Távora — Menezes Pimentel — Sérgio Marinho — Novaes Filho — Barros Carvalho — Lourival Fontes — Jorge Maynard — Heribaldo Vieira — Lima Teixeira — Ary Vianna — Caiado de Castro — Gilberto Marinho — Benedicto Valadares — Nogueira da Gama — Moura Andrade — Lino de Mattos — João Villasbôas — Alô Guimarães — Gaspar Velloso — Saulo Ramos — Irineu Bornhausen — Daniel Krieger — Mem de Sá — Guido Mondin. — (33).

O SR. PRESIDENTE:

A lista de presença acusa o comparecimento de 33 Senhores Senadores. Havendo número legal, declaro aberta a sessão.

Vai ser lida a ata.

O Sr. 2º Secretário procede à leitura da ata da sessão anterior, que, posta em discussão, é sem debate aprovada.

O Sr. 1º Secretário lê seguinte:

EXPEDIENTE

Mensagem do Sr. Presidente da República agradecendo a remessa de autógrafos referentes a Decretos Legislativos promulgados pelo Presidente do Congresso Nacional:

Mensagem nº 59-62 (nº de origem 11), de 31 de janeiro de 1962 — Decreto Legislativo nº 18, de 1961:

Mensagem nº 60-62 (nº de origem 12), de 31 de janeiro de 1962 — Decreto Legislativo nº 13, de 1961:
Mensagem nº 31-62 (nº de origem 13), de 31 de janeiro de 1962 — Decreto Legislativo nº 17, de 1961:
Mensagem nº 62-62 (nº de origem 14), de 31 de dezembro de 1962 — Decreto Legislativo nº 20, de 1961.

Aviso DAI-DOR-31-588. (96), de 21 de dezembro de 1961, do Sr. Ministro das Relações Exteriores — agradece a remessa de autógrafo referente ao Decreto Legislativo nº 15, de 1961.

Carta do Sr. James M. Weld, Conselheiro da Embaixada do Canadá, agradece a acolhida dada ao Senhor Heath McQuarrie, membro da Câmara dos Deputados do Canadá, ao ensejo de sua visita ao Brasil.

Ofícios

— da Federação das Indústrias do Estado da Guanabara, de 13 de outubro de 1961 remete cópia do parecer do Conselho Econômico da Confederação Nacional da Indústria sobre o Projeto de Lei que regula a repressão ao abuso do poder econômico;

— da Confederação Nacional das Profissões Liberais, de 30 de novembro de 1961 encaminha parecer prolatado pelo Prof. Ferdinand Marius Esbérard sobre o Projeto de Lei da Câmara número 126, de 1961, que dispõe sobre o Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil;

— do Sr. Ministro Vergíniaud Wanderley, de 2 de janeiro de 1962 — comunica a sua eleição e posse como Presidente do Tribunal de Contas da União para o exercício de 1962;

— do Sr. Ministro Júlio Barata de 13 de dezembro de 1961 — comunica a sua reeleição para o cargo de Presidente do Tribunal Superior do Trabalho e a dos Ministros Astolfo Serra e Manoel Caldeira Neto, respectivamente para Vice-Presidente e Corregedor Geral;

— da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, de 16 de agosto de 1961 — solicita a alteração do § 2º do artigo 224 da Consolidação das Leis do Trabalho.

Memorial de Ary Casadio e outros, de São Paulo (de 14 de setembro de 1961) — solicita alteração do Projeto de Lei da Câmara nº 126, de 1961, que dispõe sobre o Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Parecer nº 1, de 1962

Redação final do Projeto de Lei do Senado nº 37, de 1961.

Relator: Menezes Pimentel

A Comissão apresenta a redação final do Projeto de Lei do Senado número 37, de 1961, que dispõe sobre o loteamento ou desmembramento de terras rurais, e dá outras providências. Sala das Comissões, em 15 de dezembro de 1961. — Sérgio Marinho Presidente. — Menezes Pimentel. — Relator. — Daniel Krieger, Gaspar Velloso.

ANEXO AO PARECER Nº 1, DE 1962

Redação final do Projeto de Lei do Senado nº 37, de 1961, que dispõe sobre o loteamento ou desmembramento de terras rurais, e dá outras providências.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º. As terras situadas fora dos perímetros urbano e suburbano dos centros de população com mais de 10.000 (dez mil) habitantes, não poderão ser objeto de loteamento ou desmembramento total ou parcial para destiná-la a fins estranhos às atividades agrícolas.

§ 1º. O loteamento ou desmembramento das terras em referência, ainda

que para constituição de sítios, granja, pequena ou média propriedade, se será permitida se a área dos lotes e terrenos cúbicos tornarem possível e convenientemente a sua exploração.

§ 2º. Em casos excepcionais, precedendo audiência do respectivo Governador Estadual, através de órgão especializado e observando o disposto no artigo seguinte, admitir-se-á o loteamento ou desmembramento de imóveis rurais para a ampliação ou função de novos centros urbanos ou a instalação de unidades industriais.

Art. 2º. O memorial e o plano de loteamento ou desmembramento das terras referidas no artigo anterior serão submetidos à aprovação do Ministério da Agricultura, por intermédio dos órgãos existentes nos Estados, e do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), este quando se tratar de área não inferior a 1.000 (mil) hectares, e ouvida, em cada caso, a Associação Rural do município sobre a sua oportunidade e conveniência.

Parágrafo único. O cartório do Registro de Imóveis da situação das terras não procederá, sob pena de nulidade do ato e responsabilidade de seu titular, à inscrição e averbação dos loteamentos ou desmembramentos, bem como a transcrição das alterações dos lotes ou partes desmembradas sem que os interessados apresentem prova de que foram satisfeitas as exigências previstas na presente Lei.

Art. 3º. O núcleo colonial de iniciativa particular não estará sujeito à exigência do registro instituído pelo Decreto-lei nº 58, de 10 de dezembro de 1937, quando sua implantação se fizer com a assistência financeira da Carteira de Colonização do Banco do Brasil S.A. ou de sociedades de economia mista na qual a União ou os Estados sejam detentores da maioria de suas ações.

Art. 4º. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

O SR. PRESIDENTE:

Está finda a leitura do expediente.

Nos termos do que foi deliberado na última sessão do Senado, o dia de hoje será dedicado às homenagens em memória dos nobres Senadores Francisco Gallotti e Cunha Mello, falecidos durante o período de recesso parlamentar.

Estão inscritos os Srs. Senadores Paulo Coelho — Lima Teixeira — Fernandes Távora — Heribaldo Vieira — Paulo Pender — Jorge Maynard — Novães Filho — Guido Mondin — Saulo Ramos Vivaldo Lima — Caetano de Castro — Vitorino Freire — Barros Carvalho e Gaspar Veloso.

Tem a palavra o nobre Senador Paulo Coelho.

(Lê o seguinte discurso):

Senhor Presidente, Senhores Senadores, o Senado Federal, assim como o Brasil, e especialmente o Amazonas, vem de perder uma de suas figuras tutelares na pessoa do eminente pernambucano, que, como os demais nordestinos, seguindo os passos da brava e lusitana gente, ampliaram os lindos do território Nacional plantando e conservando a civilização cristã no Vale Amazônico: Leopoldo Tavares da Cunha Mello.

O ilustre brasileiro, cujo desaparecimento esta Casa justamente deplora enaltecendo-lhe o exemplo, era um desses varões que Plutarco se vivo fosse, por certo, incluiria na relação dos grandes homens que encheram uma época e um tempo.

Leopoldo Tavares da Cunha Mello desde moço afeiçou-se ao trato das letras e ao culto do Direito iniciando sua vida no Amazonas, como promo-

tor público, para, a seguir, fazer-se um advogado de renome em cuja profissão não se sabia o que mais admirasse do inextinguível e ainda agora guieiro da Nacionalidade, Presidente Getúlio Vargas, a afirmativa de que os jovens brasileiros anseiam por conhecer o Amazonas e, talvez por não poder fugir a esse fascínio, aquele cuja memória se reverencia neste momento, deixou o seu estado natal para fazer também seu o estóico, sofrido, abandonado e incompreendido Amazonas, a que serviu com dignidade, amor e altivez. E a terra do amanhã e do povo hospitaleiro, o Amazonas reconheceu no jovem bacharel recém-chegado o campeador que seria das suas causas e de seus sonhos, fazendo-o deputado federal e mais tarde Senador da República, onde no honroso posto de 1º Secretário, que tanto lustrou e prestigiou, veio a tomba.

Com o golpe de Estado de 1937, época em que Leopoldo Tavares da Cunha Mello representava o Amazonas na Câmara Baixa, uma vez se ergueu a afirmar: Neste momento em que nos reunimos nesta Câmara, a democracia está sendo apunhalada pelas costas. Era o 10 de novembro... Tão marcante foi, porém, a sua passagem pela Câmara dos Deputados que o Egrégio Presidente Getúlio Vargas, reconhecendo-lhe a altivez e os méritos pessoais, numa comprovação, por igual, de que agia pensando salvaguardar os interesses da Pátria conturbada por uma guerra ideológica de que ainda agora se ressentem o tribulado mundo em que vivemos, entregou-lhe um dos postos de maior responsabilidade na vigilância da honesta aplicação dos dinheiros públicos fazendo-o Procurador do Tribunal de Conta da União, onde se houve com exatidão no cumprimento do dever.

Dai, sentinela avança dos princípios éticos que devem reger a execução das obras estatais pela exata utilização dos dinheiros que pertencem ao povo e que muitas vezes consubstanciam sangue, suor e lágrimas, de quantos contribuem com seus tributos para manutenção dos serviços públicos, veio Leopoldo Tavares da Cunha Mello, por delegação da gente amazônica, honrar e prestigiar esta Câmara Alta do País.

De fora, residindo no distante hospitaleiro e amigo torráo paraense lá, como todo cidadão ciente e consciencioso de seus deveres para com a Mãe Pátria, acompanhei os acontecimentos que se registraram após a renúncia do eminente estadista Dr. Jânio da Silva Quadros e, então, não pude deixar de enaltecê-lo de ter contribuído com o meu voto para eleição do Senador agora desaparecido. E' que com seus pares, capitaneados por essa figura Nacional, serena e enérgica, forte e equilibrada, um dos baluartes da Democracia que é o douto, bravo e heróico Senador Moura Andrade, Leopoldo Tavares da Cunha Mello se agigantou e masculinamente permaneceu em vigília pela preservação do Regime que, periclitante, parecia extinguir-se sob as cinzas de uma fogueira que ameaçava destruir os Direitos do Homem, na Pátria Brasileira, fazendo-a retroagir à época em que o direito da força se sobrepuja à força do Direito.

E, assim procedendo, o bravo prelado, até os últimos momentos de sua preciosa vida na linha de frente da batalha do Direito e da democracia esteve de acordo com as tradições de inteligência, cultura e altivez de sua ilustre família, agora representada nesse outro varão de Plutarco que é o Senhor Ministro Djaima Tavares da Cunha Mello.

Estas, Senhor Presidente e Senhores Senadores, as palavras que em meu próprio nome, em nome do Senador Moura Vieira e dos que integram a Aliança da Libertação do Amazonas presidida pelo incontestável e ex-governador Plínio Ramos Coelho desejaria pronunciar como a

nossa pávida homenagem e modesta reverência a quem tanto brilhou e se exaltou no conceito do Brasil e especialmente dos Amazonenses. (Muito bem).

O SR. PAULO COELHO:

Tem a palavra o nobre Senador Lima Teixeira.

O SR. LIMA TEIXEIRA:

(Como líder da Maioria — Não foi revisto pelo orador) — Sr. Presidente, fomos surpreendidos, no recesso parlamentar, com a infausta notícia do falecimento do ilustre Senador Cunha Mello, 1º Secretário desta alta Casa do Congresso Nacional.

Descrever-se a vida e os serviços prestados por Cunha Mello seria, não há como negar, remontarmos ao seu grande Estado, o Amazonas, que aqui representou com tanto brilho, dignidade e segurança nas decisões, muitas vezes não só a favor do seu Estado, como de todo o Brasil.

Cunha Mello era de uma capacidade de trabalho, de um devotamento à causa pública, e de uma dignidade que não podemos deixar de mencionar. Muitas vezes assistimos Cunha Mello tomando posição de combate firme, sem tréguas, na defesa de direitos inerentes ao seu próprio Estado ou, mesmo, de grandes causas públicas. Por isso, justo é que neste instante o Senado da República homenageie a quem tantos e inesimiláveis serviços lhe prestou, assim como ao seu Estado e ao País.

Cabe, neste momento, rememorar as atividades de Cunha Mello à frente da 1ª Secretaria desta Casa, que com tanto zelo conduziu no decurso de três sessões legislativas.

Como membro do Tribunal de Contas, foi uma de suas figuras marcantes, não só pela assiduidade como pela cultura jurídica, tantas vezes revelada, nesta Casa, na Presidência da Comissão de Constituição e Justiça.

Nas diversas funções que teve ensejo de exercer, sempre se salientou pela probidade, cultura e acerto nas decisões.

E' justo portanto, que a Maioria desta Casa se associe às homenagens à memória de Cunha Mello, ilustre colega que tantos assinalados serviços lhe prestou.

O grande amigo e eminente Senador da República afastou-se do nosso convívio, mas permanecerá sempre em nossa lembrança.

Sr. Presidente, outra figura não menos digna, pertencente a esta Casa, também acaba de desaparecer: o Senador Francisco Gallotti, representante do Estado de Santa Catarina. Substituiu ele nesta Casa, o eminente Senador Nereu Ramos, de saudosa memória, e que, como Vice-Presidente do Senado, em momento difícil da vida nacional dirigiu os destinos do País, assumindo a presidência da República. Morto tragicamente Nereu Ramos, Francisco Gallotti ocupou definitivamente a cadeira e logo se identificou com esta Casa, merecendo o apreço de seus pares.

Antes de vir para o Senado, exerceu altos cargos públicos, entre eles a Superintendência do Porto do Rio de Janeiro, em que se salientou como administrador eficiente, capaz e digno. Como Presidente da Comissão de Transportes e Comunicações desta Casa, engenheiro especializado que era — seus pareceres traziam sempre esclarecimentos precisos para o julgamento das matérias.

E' justo, Sr. Presidente, que nesta hora renda o Senado homenagem à memória de Francisco Gallotti, tão digno quanto Cunha Mello, dois eminentes Senadores que desapareceram do nosso convívio e, além da saudade, deixam traços marcantes de sua pas-

sagem por esta Casa, como representantes dos Estados do Amazonas e de Santa Catarina. (Muito bem).

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Guido Mondin.

O SR. GUIDO MONDIN (Lê o seguinte discurso) — Sr. Presidente.

O recesso parlamentar que findou longe de nos permitir alguns dias de recomposição de energias, manteve-nos em constantes preocupações. Inquietante recesso esse, porque durante o seu transcurso nuvens negras se avolumaram, toldando ainda mais as sombrias perspectivas que temos diante de nós. Não falemos nelas, porém, porque este é um instante de reverência, de saudade e de lágrimas. Apenas quero assinalar que, em meio aquelas inquietações, dois fatos dolorosos nos atingiram particularmente. Morreu Francisco Gallotti e morreu Leopoldo Cunha Mello.

A vida insiste em ser essa coisa estranha, essa irônica incógnita, que nos mantém permanentemente perplexos, confundindo-nos sempre mais, diante do seu mistério.

Dizia-me um dia Francisco Gallotti: "Tenho esperança de retomar com firmeza minhas atividades em 1962". E Cunha Mello segredava-me, na Mesa: "Vou valer-se do recesso para submeter-me a uma intervenção cirúrgica, a fim de estar apto para a ação que me espera em 1962". Partimos todos, mas eles não voltaram. Não voltaram. Nunca mais. Penetraram o grande recesso da eternidade.

Não me deterei em examinar o que esses homens representaram no Senado da República, onde os conheci. Por aqui passaram cumprindo o seu dever. Procederam segundo deles esperavam aqueles que os elegeram. Tudo deram de sua inteligência, de seu dinamismo, de seu talento, de seu civismo. Marcaram com seu brilho o lugar vazio que deixaram. Que importância agora rememorar tudo quanto suas personalidades marcantes deixaram impresso nesta Casa, quando a homenagem que ora lhes prestamos é toda uma síntese que só as grande presenças alcançam?

E' assim que retomamos os nossos trabalhos parlamentares: chorando a perda de dois companheiros. Embalde procuramos consolo nas suas lições, no exemplo esplêndido que deixaram. Nós os queríamos entre nós, vendo-os e ouvindo-os, sob o contágio da grandeza que dimanava da ação de homens que a idade proveecta torna ainda mais fascinantes. Custa-nos a aceitar a realidade. Custa-nos lembrar que a terra sepultou para sempre aquele humor contagiante que fazia de Francisco Gallotti uma das mais queridas presenças em qualquer parte onde estivessemos. Encontrava-me na fronteira do Rio Grande quando o rádio me trouxe a ingrata notícia do seu desaparecimento e fiquei a meditar sobre o Natal que ele não alcançara, quando tantas preocupações tinha cada ano com os seus pobrezinhos, de quem não se esquecera mesmo enfermo, pois tudo providenciara para que eles fossem contemplados na sublime data. Não o acompanhei até à última morada, mas tanto me foi permitido com relação a Cunha Mello, podendo assim conhecer a veneração que o povo amazonense nutria pelo Senador desaparecido.

Quiz um estranho conjunto de acontecimentos que o avião que transportava o corpo do ilustre morto devesse descer em Brasília. Pôra velado na Guanabara, no velho Senado. Aqui o velamos, onde do mesmo aeroporto partira não fazia muito, levando planos e esperanças. Velaram-no, depois, na Capital do Estado que o elegera. E

foi em Manaus onde assisti a uma das mais impressionantes e comoventes manifestações tributadas a um homem que penetrara, pelos seus dotes pessoais e pela sua vida fecunda, a alma popular. A consternação marcava os semblantes. E no silêncio contrito da cidade, o diálogo das lágrimas falava da grande perda. Autoridades e povo trmanaram-se na homenagem. Ao longo das ruas, desde o aeroporto até ao Palácio Rio Negro e depois até ao cemitério, alinhava-se a multidão em reverência e, com frequência, vi que se ajoelhavam. Desde as marchas fúnebres e as salvas em funeral até o instante em que o clarim, em toque de silêncio acompanhava o feretro que descia à terra, pude sentir o quanto o Amazonas pranteava a morte do filho que adotara e que tão bem soubera em vida retribuir, em sentimentos e ação, o amor recebido.

Cunha Melo me havia convidado, não faz muito, a participar neste ano, de um de seus comícios eleitorais. Disse-lhe que sim, que iria. E fui. Foi realmente participar de seu último comício, sob dolorosas circunstâncias. Muitos foram os que falaram exaltando-lhe o exemplo, a dedicação ao Amazonas, o carinho com que Cunha Melo atendia a população humilde daquele Estado. Somente, ele não falou. Ainda o pranto convulso que partia de todos os olhos soava aos meus ouvidos como um último e amargo aplauso a encerrar sua campanha (*Muito bem!*).

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Fernandes Távora que, em nome da União Democrática Nacional, prestará homenagem à memória do Senador Francisco Gallotti.

O SR. FERNANDES TAVORA:

(Lê o seguinte discurso) — Senhor Presidente. Senhores Senadores. Assumo a tribuna, neste momento, não só em obediência a uma ordem do líder da minha bancada, mas, também, por um impulso irreprimível de meu coração.

E, aceitando essa incumbência, devo confessar que sinto um apêto naquele mesmo coração que me impelia a falar sobre Francisco Benjamin Gallotti, uma das figuras mais simpáticas e cativantes que já passaram pelo Senado.

Dotado daquela comunicabilidade cálida e vibrante, herdada dos ancestrais italianos, foi ele um verdadeiro *self made man*, rompendo a golpes de inteligência, cultura e bondade, as barreiras do anonimato e projetando-se nos postos de maior relevo na vida política e administrativa do país.

Nasceu a 2 de dezembro de 1895, na cidade catarinense de Tijucas, e foram seus pais o Sr. Benjamin Gallotti e D.^a Francisca Angeli Gallotti.

Após os estudos primários, feitos em sua cidade natal e dos secundários, realizados no Ginásio Catarinense, em Florianópolis, cursou a Escola Politécnica do Rio, onde recebeu o grau de Engenheiro Civil, em 1919, ingressando, algum tempo depois, na Faculdade de Direito do Rio, pela qual se bacharelou, em 1936.

Especializado em Engenharia Portuária, ocupou, sucessivamente, os cargos de Chefe dos Portos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Estado do Rio, Rio Grande do Norte e Pará, sendo, por duas vezes, nomeado Administrador do Porto do Rio de Janeiro.

No Governo Dutra, foi também, Diretor Geral do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. A rápida passagem por esse Departamento não lhe permitiu realizar os melhoramentos que lhe inspiraram sua cultura e seu alto e esclarecido patriotismo.

A política foi um grande polo de atração, na sua vida, oferecendo-lhe

oportunidades para revelar suas aptidões de jurista e patriota de larga visão.

Iniciou suas atividades políticas na legenda do Partido Republicano Catarinense, ingressando, posteriormente, nas hostes do P. S. D.

Eleito senador, por Santa Catarina, em 1947, nesse posto permaneceu até 1954.

Em seguida, convidado pelo Doutor Nereu Ramos, para seu companheiro de chapa, foi eleito suplente daquele Senador, a quem substituiu no Senado, durante a sua permanência na Presidência da República e no Ministério da Justiça.

Com o falecimento daquele ilustre homem público, em 1958, foi o Doutor Gallotti convocado, em caráter definitivo, para ocupar a cadeira senatorial onde o vem também colher a morte, há poucos dias.

Político arregimentado e sincero, nunca foi entretanto, um incondicional, reservando-se a liberdade de divergir, algumas vezes, do seu líder, mas de modo claro e leal, sem subterfúgios, como é do estilo dos homens de bem.

Quer compendo, por 3 vezes, a Mesa do Senado, quer integrando as Comissões de Transporte e Obras Públicas, Segurança Nacional, Justiça, Economia, Legislação Social, Redação, Comissão Especial de Estudos dos Problemas da Seca e Comissão Especial de Política da Produção e Exportação, ou representando o País no estrangeiro, na Conferência Interparlamentar de Turismo, em Stambul na 35ª Conferência Internacional de Trabalhos, em Genebra, e na visita oficial aos Estados Unidos, para estudar os problemas das secas em 1961, — em todos estes diferentes e destacados postos, soube sempre, esse nosso eminente colega se distinguir pela objetividade e eficiência de sua atuação como o comprovam as várias condecorações recebidas, entre as quais, a Medalha de Serviço de Guerra do Governo Brasileiro, da Ordem do Mérito, de Tamandaré, da Ordem do Mérito do Governo Chileno. Mas, bem longe estaria de retratar esta rica personalidade, quem se limitasse a encará-la simplesmente, como administrador ou como político. Sim, porque Gallotti sobressaiu, principalmente, pela bondade. Bom por temperamento, plenamente realizado, sem frustrações nem recalques, o riso sempre à flor dos lábios, não era possível conversar com ele alguns momentos, sem sentir conquistado por aquela alegria contagiante e espontânea, que constituía a sua principal característica.

Quem se não sentiria comovido diante daquele homem bondoso e simples, o Chiquinho Tostão, como o chamavam, carinhosamente, os garotos de Laguna, que dele recebiam, todas as noites de Natal, centenas de moedas de níquel, com que ele procurava relembrar a sua infância, espargindo alegria entre a meninada pobre da terra de Anita Garibaldi! Dotado de um alto sentimento de solidariedade humana, organizou, no Rio, uma Casa de Recolhimento, onde agasalhava dezenas de crianças pobres e sem lar, e cuja manutenção, corria quase totalmente, por sua conta.

Todo fim de ano, uma funcionária de sua confiança procurava, recatadamente, os senadores, deles recebendo contribuições maiores ou menores, para o Natal da Crèche do bondoso Gallotti, e este se limitava a agradecer e cada um de nós muito em surdina, num quase cochicho, a pequenina esmola, como se receiasse que transpusesse as raízes desta casa, o conhecimento de sua benevolência.

Era muito comum vê-lo, em sua banca, no Senado, colhendo selos usados, cujo produto de venda destinava a sua pequena casa de caridade.

Mais não é preciso dizer para esplanhar a grande alma desse inesquecível companheiro. Basta lembrar que os trabalhadores do Porto do Rio, como os de outras repartições que dirigira, mandavam, todos os anos, celebrar missas de Ação de Graças, em sua intenção, numa demonstração inequívoca, do respeito e admiração que lhe tributavam, quantos haviam servido sob suas ordens.

O desaparecimento desse boníssimo companheiro, deixou, nesta Casa, um grande vazio, e, entre aqueles que o conheceram e amaram, uma imensa tristeza, que o tempo, dificilmente, apagará. Quando vejo desaparecerem, prematuramente, criaturas apostolares, como Francisco Gallotti, fico a pensar naquela sextilha que Arthur Azevedo dedicou ao boníssimo Henrique Lagden, o ídolo dos jornalistas daquele tempo:

"Por causa de sua morte,
Quantos corações que sofrem,
E quantas lágrimas correm!
Negra injustiça da sorte:
Os máus não desaparecem,
Os bons são sempre os que morrem!"

O velho amigo que, emocionado, lhe está traçando este pequeno e sentido necrológico, ainda não se pôde conformar com essa eterna viagem que ele iniciou longe de seu coração e de seus olhos; mas, no constante rodar das horas, dos dias e dos anos, a seu lado pairará, sempre, aquela sombra amiga, iluminada suavemente pelo doce crepúsculo da recordação. "Vovô", bradava ele, beijando a própria mão, sempre que nos encontramos. "Deus te abençoe, meu neto", lhe respondia eu, no mesmo tom de brincadeira; mas na verdade, desejando, sinceramente, que a munificência divina protegesse aquele que, tantas vezes com a sua constante alegria, nos desanuviara o espírito, nos dias de inquietações e ansiedades.

Ironia do destino:

O neto querido, lá se foi, extemporaneamente, arrastado pela torrente incontrolável da morte, e seu vovô, chumbado, ainda, ao duro fardo da vida, aqui está, cheio de tristeza e de saudade, a mandar-lhe, com o último adeus, a derradeira bênção! Em nome da União Democrática Nacional, que, em Francisco Gallotti, sempre viu um adversário ilustre, sincero e leal, aqui deixo, num compungido adeus, a expressão das nossas homenagens e da nossa saudade. (*Muito bem!*).

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Heribaldo Vieira que, em nome da União Democrática Nacional, reverenciara a memória dos Senadores Cunha Melo e Francisco Gallotti.

O SR. HERIBALDO VIEIRA:

(Lê o seguinte discurso).

Senhor Presidente, o Senado Federal reservou a sessão de hoje para render sentidas homenagens à memória dos Senadores Leopoldo Tavares Cunha Melo e Francisco Benjamin Gallotti. Em nome da União Democrática Nacional, traduzindo a dor de toda a nossa bancada, acaba de expressar-se o nobre Senador Fernando Távora, fazendeiro e necrológico do nosso saudoso colega Senador Gallotti. Tomei para mim a comovida missão de, em nome do meu Partido e no meu próprio, reverenciar a memória do Senador Cunha Melo.

O Senador Leopoldo Tavares da Cunha Melo nasceu em Recife, onde formou-se em Direito e iniciou sua carreira como Auxiliar do Auditor de Guerra. Ainda moço deixou o seu Estado indo fixar-se no Amazonas, ingressando na magistratura. Foi Juiz no interior do Estado e, depois, Promotor em Manaus. Oficial de Gabinete do Governador e Chefe de Polícia municipal, ainda, no foro, como um dos advogados de maior reputação. Em 1933 foi eleito Deputado Federal fa-

zendo parte da Comissão Constitucional. Em 1935 veio para o Senado, sendo eleito 1º Secretário da Mesa Diretora. Nessa ocasião teve voto a campanha que desencadeou contra o comunismo e a imigração japonesa. O golpe de 1937 roubou-lhe o mandato, mas, em 1938 era nomeado Procurador do Tribunal de Contas da União, em cujo cargo se aposentou. Foi Presidente da Liga de Defesa Nacional e representou o Tribunal de Contas no Congresso Mundial de Tribunais de Contas, realizado em Havana. Em 1954 voltou para o Senado, onde integrou várias Comissões. Foi designado membro da XI Conferência da União Interparlamentar, em Bangkok, participou da Delegação Brasileira à Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova York. Fez parte da Comissão Especial de Reforma Administrativa e da Comissão de Estudo do Projeto do Edifício destinado ao Senado, em Brasília. Era 1º Secretário da Comissão Diretora do Senado, em cujo cargo morreu.

A sua passagem na vida terrena foi coberta de vitórias para a sua vida pública. A sua cultura e o seu talento, a sua dignidade e atitudes generosas foram os traços marcantes de sua vigorosa personalidade. Mas cobravam-lhe qualidades outras que essas, que lhe exornavam o espírito. Era um homem cheio de bondade, todo alma afetuosos e compreensivo que partilhava com os grandes e pequenos as riquezas do seu coração imenso. Sua casa parecia que não tinha portas de tão acolhedora e tão amena. Seu amigo que me tornou desde os seus primeiros dias nesta Casa, acostumei-me a estimá-lo e respeitá-lo, sentindo-me feliz com o carinho especial, a sempre pronta confiança com que quase todas as manhãs me telefonava, para conversarmos coisas do quotidiano. Todos os dias de sessão eu tinha de ir ao seu gabinete ou subir à Mesa, para falar-lhe, ou receberia uma censura que era mais coisa sentimental. Se eu não comparecia a sessão telefonava para minha casa. Queria saber a razão. Vê os meus eminentes colegas que tenho motivos profundos para me sentir duramente enoçado com a perda irreparável. Por isso, não de me dar razão e não de compreender, quando eu lhes disser, como lhes vou dizer, que ao chegar do velório do pranteado amigo, confortei-me abrindo as últimas páginas daquele livrinho maravilhoso de Antoine de Saint-Exupéry, que parece haver sido escrito para crianças e que, por isso mesmo, nos faz um bem imenso às nossas almas, em momentos de ternura e de dor.

O Princesinho estava sentado, balançando as pernas, no alto do velho muro de pedra, ao lado do poço. Ao pé do muro uma dessas serpentes amarelas, que liquidam num minuto, lá estava erguida para o princesinho. E ele disse, como se estivesse conversando com a serpente: "Está bem. Tu verás onde começa, na areia, o sinal dos meus passos". Depois, voltando-se para o amigo, que o confortava e descrevia da profecia de sua morte, ele falou: "O que é importante a gente não vê..." Depois caminharam juntos, ele sempre falando, para o arriço, da água que parecia música por causa da roldana e da corda, das estrelas que são guias para os que viajam e para outros não passam de pequenas luzes, para o negociante, que eram pepitas de ouro para ele, que era a sua morada. Preocupado e grave volta-se para o amigo, que o confortava e o seguia no seu caminho fatal e, docente, o adverte: "Fizeste mal Tu sofrerás. Eu parecerei morto e não será verdade... Tu compreender. E' longe demais. Tu não posso carregar esse corpo. E' muito pesado. Mas será como uma velha casca abandonada."

Uma casca de árvore não é triste. Será bonito, sabes? Eu também olharei as estrelas. Todas as estrelas serão poços com uma roldana enferrujada. Todas as estrelas me darão de be-

ber". Depois, o "Príncipezinho" disse: "Pronto... acabou-se". E ergue-se, hesitou, mas deu um passo. Permaneceu um instante imóvel. Não gritou. Tomou devagarinho, com o uma árvore tomba. Nem fez sequer barulho por causa da areia.

Foi assim que Antoine De Saint-Exupéry contou os últimos momentos do Príncipezinho. E eu pensei no meu amigo, confortado. Ele morreu, mas nós ficamos vendo na areia o sinal dos seus passos. A morte não é nada. O que é importante é como se passou pela vida. Isso nem sempre se ouve. Mas é preciso ver. Ele parecerá morto e não é verdade. A sua obra, o seu espírito ficarão na nossa memória, vivos e eternos.

E tombou, como uma árvore tomba. Devagarinho. Sem fazer sequer barulho por causa da areia.

Estas são as comovidas palavras, que eu tinha a dizer, Sr. Presidente, sobre o nosso querido companheiro: Senador Leopoldo Tavares Cunha Mello. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Paulo Fender.

O SR. PAULO FENDER:

(Não foi revisito pelo orador) — Sr. Presidente, o Senado está reverenciando a memória de dois grandes Senadores, que tão inesperadamente a morte inexorável arrebatou ao nosso convívio.

No recesso parlamentar recebemos o rude golpe e, desde então, ficamos a conjecturar sobre os altos desígnios da Providência, que assim fere os homens, que assim surpreende os corações, para cumprir o seu inelutável equilíbrio.

As palavras que acabamos de ouvir, proferidas pelos Senadores que me precederam, trazem, recolhidos no coração de cada um deles, todos os sentimentos, toda a tristeza que está no coração de cada um de nós outros.

A vida continua a ser um milagre, mas a morte também é um milagre. Nós, que chegamos à condição de homem, que viemos no milagre da vida a acreditar nos transformistas, desde os seres mais rudimentares até a alta posição biológica que temos.

Os que cremos no espírito ao chegarmos para jamais morrer. Jamais morrer, Sr. Presidente, porque se a ciência não explica a continuidade da vida após a morte, um futuro materialmente palpável, uma convicção íntima nos adverte de que a outra vida é realmente aquela que contém o nosso destino final.

Lembro-me das palavras de Denington quando, numa poesia magnífica, dizia que um clarão enorme atraiu o seu espírito para um oceano infinito. Ia-se pôr de viagem, mas tinha a curiosidade, o desejo ardente de se ver face a face com o seu piloto, quando tivessem ambos cruzado a barra.

Esses mistérios que o homem não explica e que por isso mesmo lhes cimentam a convicção de que o espírito existe, dão-nos o alento necessário para a resignação e o conforto com os sucessos como estes que hoje aqui lamentamos, da perda de companheiros tão admirados e queridos.

Em nome do Movimento Trabalhista-Renovador, Partido que represento no Senado, trago a minha palavra de saudade. Conviu amizade com Francisco Gallotti. Já se assinalou, nesta Casa, o seu coração boníssimo e o espírito sempre atento às coisas do espírito. Era pessoa de humor inalterável, mas em suas palavras, na conversação mais informal que tivesse, via-se o homem de cultura, que estudara muitos os problemas da vida.

Foi ele, Sr. Presidente, portuário calcinado nas lutas da administração do Porto do Rio de Janeiro de quem, tenho certeza, não de falar hoje com

saudade tantos homens de estiva da grande metrópole, que com ele tiveram a fortuna de privar!

O seu coração todo ocupado com a caridade, atendia bem àqueles reclamos de filosofia moral com que não sabia transigir. De uma feita, quando nesta Casa tivemos a honra de acolher representantes de todo o mundo, que faziam a cruzada do Rearmamento Moral, vimos Francisco Gallotti, mesmo doente, aqui comparecer, para irmanar-se, integralmente, à causa que tanta clareza lhe trazia à alma superior, de eleito.

No Senado sempre se destacou na defesa intransigente dos princípios democráticos, e ninguém melhor que ele defendeu a ordem constituída. Era um moralista da ordem social republicana, que tem seu lugar, evidentemente, na história do Brasil.

Sempre lhe respeitei os seus princípios da moral social que ele esposava e muitas vezes estivemos de acordo, no tribuna do Senado, quando defendíamos teses comuns de amparo ao trabalhador, para com cuja sofrida vida sempre foi muito sensível.

O outro desaparecido foi Leopoldo Tavares da Cunha Mello, meu companheiro de causa trabalhista, que, desde o meu ingresso nesta Casa, aprendi a admirar, jamais lhe faltando com a minha veneração e o meu respeito.

Cunha Mello era administrador, mais do que político. Era desses homens que nasceram para tomar o leme da nau do Estado e levá-la a porto seguro.

Na Secretaria do Senado, imprimiu austeridade de trabalho que sempre funcionou, admirável e necessário, para atender às finalidades menores ou maiores da administração. Tenho a certeza de que a operosa Presidência desta Casa, nesta conjuntura, lamentará mais do que ninguém a perda do grande companheiro de administração.

Como trabalhista, Cunha Mello esteve sempre atento às proposições que consubstanciavam reivindicações dos trabalhadores; e se por vezes era ultrapassado ou vencido, logo recuava às conjunturas, qual o caminhar da conjuntura, qual o caminho que deveria trilhar, não raro reformulando proposições de que podia fazer questão fechada.

O projeto de Código de Telecomunicações, que o Senado ainda examinará nesta sessão legislativa, estará ressendo de uma lacuna impreenchível — a lacuna que representa o desaparecimento daquele que mais o entendia, que mais o conhecia, que mais o debatia nesta Casa. O projeto da Câmara dos Deputados, substitutivo ao projeto Cunha Mello, não deixa de consagrar, em muitos de seus artigos, proposições do ilustre senador que a morte arrebatou, para que se consignasse perda irreparável no processo legislativo da atualidade brasileira.

Sr. Presidente, inútil seria enumerar a significação da personalidade de Francisco Gallotti no cenário democrático da atuação está na consciência de quem quer que veja os homens públicos na sua atuação pura de representantes do povo, empenhados em jamais trair tal representação. Eles têm um passado e este passado é a única realidade. Eles têm um passado, e este passado está inscrito em letras na história político-social do Brasil.

Com estas palavras de saudade eu lhes reverencio aqui a memória. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Jorge Maynard.

O SR. JORGE MAYNARD:

(Lê o seguinte discurso) — Ao encerrar-se a sessão Legislativa passada, quando alegres nos dirigimos aos nossos Estados, não poderíamos imagi-

nar que o Senado Federal teria de retomar os seus trabalhos privado da presença de dois dos seus mais ilustres membros.

A infeliz notícia do falecimento dos saudosos companheiros, Senadores Francisco Gallotti e Cunha Mello veio provocar em nós uma profunda e sincera consternação.

E, agora, depois do nosso regresso a esta Capital, é que estamos sentindo mais de perto o grande vácuo que se formou em torno de nós pela ausência dos eminentes representantes de Santa Catarina e do Amazonas.

De temperamentos diametralmente opostos, os Senadores Gallotti e Cunha Mello, possuíam, entretanto, excelsas virtudes comuns. Intereza de caráter, patriotismo, lealdade ornavam as personalidades marcantes daquelas duas figuras destacadas que hoje aqui reverenciamos, num preito de muita justiça.

Francisco Gallotti, dedicando-se à profissão de engenheiro civil, salientou-se pelos trabalhos que empreendeu, principalmente no ramo da hidráulica. Sempre se houve com grande correção e eficiência no desempenho das numerosas e importantes missões que lhe foram confiadas em boa hora.

A sua vida pública foi coroada de sucessos e de inestimáveis serviços prestados à Pátria. Como representante de Santa Catarina nesta Casa mostrou-se sempre atento aos problemas de seu Estado natal.

Autêntico líder católico, colocou-se na defesa dos postulados cristãos com costumeiro ardor e sinceridade. Gallotti possuía espírito jovial e alegre e era prendado com invejável dom de aglutinar em torno de si bons amigos, que lhe apreciavam a cultura, a inteligência e a nobreza de caráter.

Cunha Mello era o bacharel esclarecido, profundo conhecedor das leis, dotado de aprimorada e vasta cultura jurídica, versado nos mais variados assuntos. Estudioso, inteligente e de notável bom-senso, as suas manifestações eram acatadas e tomadas, quase sempre, como a última palavra, tal era a segurança da sua argumentação e o poder de persuasão que possuía. Muito lhe ficou a dever a nossa Pátria pela brilhante atuação, através dos inúmeros cargos que ocupou. Como político, destacou-se por uma fecunda, denorada e polimorfa atividade, sempre voltada à defesa dos legítimos interesses da Nação e do povo amazense. Cunha Mello era um homem de bem a toda prova, por todos apreciado e respeitado. Que dizer do seu grande coração? Estava sempre aberto aos seus amigos e a todos aqueles que dele se aproximavam.

Assim, Sr. Presidente, com estas pesadas e sinceras palavras trago a manifestação da minha saudade e a gressista aos grandes homens públicos. Senadores Francisco Gallotti e Cunha Mello, que, recentemente, deixaram do conosco conviver, enlutando a Nação Brasileira. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Novaes Filho.

O SR. NOVAES FILHO:

(Não foi revisito pelo orador) — Sr. Presidente, trago, em nome da Bancada do Partido Libertador, a homenagem da nossa saudade a dois eminentes companheiros, desaparecidos: Senador Francisco Gallotti e Senador Cunha Mello.

Realizamos hoje uma sessão sob a mais profunda emotividade de vez

que do nosso convívio se afastaram duas figuras das mais distintas e queridas.

Há longo tempo acompanho a vida parlamentar brasileira, e deia participo desde a Constituinte de 1946, quando cheguei ao Congresso Nacional trazido pela generosidade do povo de Pernambuco.

Acostumado a conviver com personalidades as mais dignas e representativas da vida pública brasileira, entre elas, sem favor algum, sempre coloquei os eminentes Senadores ora desapaecidos, Francisco Gallotti e Cunha Mello.

Sr. Presidente, minha amizade ao Senador Francisco Gallotti se poderia dizer de família, porque o apreço que eu lhe votava e a consideração com que o distinguia era consequência do meu convívio, cheio de alegria e intimidade, com os seus irmãos, especialmente com o Ministro Luiz Gallotti e com o Engenheiro Pedro Gallotti.

Quem nesta Casa deixou de admirar duas magníficas facetas da personalidade do Senador Francisco Gallotti? O seu empenho e a sua dedicação às obras de caridade, tais como as de amparo à velhice, encaminhamento dos jovens e assistência às crianças desamparadas, tocavam a sensibilidade de todos os seus colegas. Ninguém se recusava a colaborar com as beneméritas iniciativas de que fazia apóstolo o eminente companheiro desaparecido.

Outra qualidade do Senador Francisco Gallotti, a meu ver digna de registro e respeito era a maneira vibrante, coerente e brava com que sempre defendia a Democracia brasileira, opondo-se a todas as modalidades, claras ou obscuras, de combate ao regime sob o qual vivemos.

De seu convívio pouco terei que dizer, porque nenhum de nós esquecerá a sua verve, a sua simpatia, as suas piadas e as suas anedotas, tudo aquilo que ele sempre tinha para nos transmitir, dando mostras claras da sua alegria de viver.

Bom amigo, bom companheiro e bom parlamentar.

Assiduo ao Senado da República acompanhava os trabalhos desta Casa, fiel ao cumprimento do dever que lhe impunha a representação que aqui trouxe do nobre povo de Santa Catarina.

Sr. Presidente, bem poucas palavras pronunciarei sobre esses dois ilustres companheiros desaparecidos, de vez que os eminentes Senadores que me antecederam focalizaram, em minúcias aspectos e momentos da vida pública de ambos.

Erá Leopoldo Tavares da Cunha Mello, meu amigo e meu conterrâneo. Nasceram ambos no antigo Município de Cabo de Santo Agostinho: em velhos engenhos cercados dos verdes canaviais de minha terra.

Formado na velha escola de Direito do Recife, logo após rumou para o longínquo Estado do Amazonas, em busca de elementos de vida. Jovem que era, precisava encaminhar-se.

Sua atuação naquele Estado foi tão boa que o caminho que se traçou logo o aproximou do povo amazense deste recebendo o mandato de Deputado Federal e de Senador da República.

Representou o Estado do Amazonas com elevação e com dignidade. Jamais houve, nas representações daquele Estado, quem melhor honrasse aquela gente, ou com mais empenho defendesse as justas reivindicações do Amazonas.

Sua passagem pelo Tribunal de Contas da União foi um magnífico traço da sua vida pública. Procurador desse Alto Tribunal do País, deu provas claras e exuberantes de sua austeridade, do seu espírito público e da sua correção no exame e julgamento de quantas questões importantes eram submetidas à sua apreciação e ao seu douto parecer.

Assim, Sr. Presidente, o Senador Cunha Mello em sua passagem por

esta Casa, deixou marcas fulgurantes de sua cultura, de seu espírito estu-
dioso e também de sua lhanza de tra-
balho. Todos nós recordaremos sempre,
com saudade e respeito, essa alta fi-
gura da República.

O Brasil, Sr. Presidente, perdeu com
o desaparecimento de Francisco Gal-
lotti e de Cunha Mello, dois eminen-
tes parlamentares, porém mais per-
deu, entre nós, na eficiência de sua
defesa e no debate de sua doutrina, o
regime democrático. *(Muito bem!)*

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador
Saulo Ramos.

O SR. SAULO RAMOS:

(Lê o seguinte discurso) — Sr. Pre-
sidente, justas e significativas são as
nomenclaturas, que presta esta Alta-Ca-
mara, as memórias dos Senadores:
Francisco Gallotti e Cunha Mello.

Ambos souberam ser dignos da Pá-
tria e se distinguiram no exercício de
altas funções públicas.

Como parlamentares, corresponde-
ram às aspirações de seus povos e das
populações que representaram, no
Senado, com tanta acidez, acerto e
patriotismo.

Na evocação do passado de cada
um deles, os Anais já registraram as
suas atividades, e os seus meritos con-
forme os enaltecimentos dos senado-
res que me antecederam na tribuna.

Francisco Gallotti, natural de Ti-
jucas — Estado de Santa Catarina —
e filho de tradicional e nobre fâ-
mília.

Seus pais vindo da Velha Europa,
souberam construir com trabalho e
exemplos nobilitantes a grandeza duma
civilização no Vale do Itajaí, que
enaltece o meu Estado na expansão
criadora de nossa Pátria.

Seus irmãos, honrando tão boas
tradições, ocupam postos os mais al-
tos nas atividades nacionais públicas
e privadas. Francisco Gallotti, advoga-
do e engenheiro civil, funcionário
e homem público dos mais dinâmicos
e honestos, chegou ao Senado da Re-
pública pelos seus próprios méritos.

A fatalidade o colheu em pleno
exercício de seu mandato.

A sua morte inesperada, pranteada
pelos seus familiares, amigos e patri-
cios traz-me a esta tribuna para em
meu nome e já agora em nome do Se-
nador Irineu Bornhausen associar-me
a tão justas homenagens, bem como
aquelas, que neste instante se pre-
stam, também, ao Senador Cunha Mel-
lo, digo representante do povo ama-
zonense.

Era o que tinha a dizer. *(Muito
bem!)*

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Vi-
valdo Lima.

O SR. VIVALDO LIMA:

(Lê o seguinte discurso) — Sr. Pre-
sidente, em pleno recesso, quando as
duas Casas do Congresso Nacional ti-
nham nobres componentes entregues
à fadiga específica em suas províncias,
encontrei desoladamente, naquela que
tenho a honra de aqui representar,
no Amazonas, meu Estado natal, gra-
vemente enfermo, o companheiro de
bancada e de legenda que lá se acha-
va compartilhando de árdua cam-
panha eleitoral, pugnando pela vitória
do candidato de sua preferência, aliás,
a esta altura já vencedor do pleito.
Pouco depois, transportava-se para o
Rio sob os ternos cuidados e o justo
e respeitoso interesse, que lhe pode-
ria prodigalizar a Mesa do Senado, da
qual era membro conspícuo.

Não obstante, superada a etapa
pior, de um ato cirúrgico inegável-
mente traumatizante, cedeu a resis-
tência física, nada mais lhe sendo
útil nas prescrições de profissionais

renomados, que tentaram a todo cus-
to salvar uma vida necessária a sua
família, ao seu Estado adotivo e a
sua própria Pátria. Na tarde de 18
do mês passado, no Hospital dos Es-
trangeiros, falecia o ilustrado Senador
Leopoldo Tavares da Cunha Mello.

Embora ligado ao Amazonas, nasceu
o saudoso representante trabalhista
na cidade de Recife, em Pernambuco,
sendo filho do Desembargador Benício
Tavares da Cunha Mello e D. Maria
da Conceição Gusmão Tavares.

O Senhor Cunha Mello formou-se
em Direito pela Faculdade de Recife e,
nessa cidade, iniciou sua carreira
como Auditor de Guerra. Pouco de-
pois fixou-se em Manaus, ingressando
na magistratura. Foi juiz no interior
do Estado e promotor na Capital.
Exerceu também o cargo de Chefe de
Polícia, transferindo-se para o Rio
de Janeiro sem perder, entretanto, o
contato com o Amazonas.

Em 1933 foi eleito deputado à Con-
stituinte, fazendo parte da Comissão
Constitucional. Dois anos depois era
eleito senador, ocupando a 1ª Secre-
taria do Congresso. Em janeiro de 1933,
foi nomeado Procurador do Tribunal
de Contas e, em 1933, representou o
Brasil no Congresso Mundial dos Tri-
bunais de Contas, realizado em Ha-
vana.

Voltando a política, em 1954, conse-
guiu uma cadeira no Senado pela le-
genda do PTB. Foi Presidente da
Comissão de Constituição e Justiça
desta Casa e, em 1957 seus compa-
nheiros o elegeram 1º Secretário.
Exerceu também outras posições de
prestígio, inclusive a presidência da
Liga de Defesa Nacional e a de De-
legado do Brasil na XIII Assembleia
Geral da Organização das Nações
Unidas.

Eis, Sr. Presidente, em breves pa-
lavras, a individualidade marcante
que pesaparece depois de longa exis-
tência de assinalados serviços ao seu
País, enlutando pesadamente esta
Casa e privando meu Estado de sua
constante e útil colaboração no sen-
tido de seu bem-estar e de sua me-
recida grandeza.

Era o que tinha a dizer. *(Muito
bem!)*

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador
Caíado de Castro.

O SR. CAÍADO DE CASTRO:

(Lê o seguinte discurso):

Sr. Presidente, Srs. Senadores: Em
nome do Partido Trabalhista Brasi-
leiro e em meu próprio, venho asso-
ciar-me às homenagens póstumas que,
nesta sessão especial, se prestam a Me-
mória dos nossos queridos ex-compa-
nheiros, senadores Francisco Benjamin
Gallotti e Leopoldo Tavares da Cunha
Mello.

Cabe-nos, especialmente, por desig-
nação expressa do Partido Trabalhista
Brasileiro, honrar a memória do ex-
senador Francisco Gallotti.

Francisco Benjamin Gallotti, Sen-
hor Presidente Srs. Senadores, nas-
cido na cidade de Tijucas, Estado de
Santa Catarina, em 2 de dezembro
de 1895, teve como genitores o Se-
nhor Benjamin Gallotti e D. Fran-
cisca Ângela Gallotti.

Após os estudos primários, feitos em
sua cidade natal e dos secundários rea-
lizados no Ginásio Catarinense de Flo-
rianópolis, ingressou na Escola Polité-
cnica do Rio de Janeiro, cujo curso
terminou em 1919, e, posteriormente,
na Faculdade de Direito do Rio, na
qual se bacharelou em 1936.

Especializado em Engenharia Por-
tuária, ocupou vários cargos relacio-
nados com a sua profissão, tendo sido,
sucessivamente, nomeado Chefe dos
Portos do Rio Grande do Sul, Santa
Catarina, Estado do Rio de Janeiro,
Rio Grande do Norte. Paralelamente,
por duas vezes, Administrador do Porto do

Rio de Janeiro, bem como Diretor Ge-
ral do DNOCS.

Alem das atividades profissionais, de-
dicou a política o melhor de seu ta-
lento e espírito público, iniciando os
primeiros passos sob a legenda do PR
catarinense, passando a integrar depois
as hostes do Partido Social Democrá-
tico.

Eleito, em 1947, representante do Es-
tado de Santa Catarina no Senado
Federal, aí permaneceu até 1954. Logo
em seguida, convidado pelo Dr. Nereu
Ramos para integrar sua chapa ao Se-
nado Federal, foi eleito suplente do
mesmo Senador, a quem substituiu du-
rante o tempo em que este permane-
ceu na Presidência da República e no
Ministério da Justiça. Falecendo aque-
le ilustre homem público, em 1953, foi
o Senador Gallotti convocado em ca-
ráter definitivo, para ocupar a respec-
tiva cadeira, onde permaneceu até a
época de seu falecimento, ocorrido em
16 de dezembro de 1961.

Durante sua passagem pela Câmara
Alta, compôs, por várias vezes, a Mesa
Diretora do Senado, como 3º Secretá-
rio e Suplente, nos anos de 1952, 1953
e 1954. Integrou também as seguin-
tes Comissões: Justiça; Trabalho e Le-
gislação Social, Economia, Transportes
e Obras Públicas, Segurança Nacional,
Agricultura, Redação (esta, como Pre-
sidente), Comissão Especial de estudo
da política de Produção e Exporta-
ção.

Representou o País como Delegado a
Conferência Interparlamentar de Tur-
rismo, realizada em Estambul, em 1953;
a 35ª Conferência Internacional do
Trabalho, celebrada em Genebra, em
1952, e integrou a Comissão de Se-
nadores que, a convite do Governo dos
Estados Unidos, visitou aquele país, em
1961, para estudos sobre os problemas
da seca.

Pertenceu ao Club de Engenharia do
Rio de Janeiro, ao Sindicato dos En-
genheiros do Rio de Janeiro e a Or-
dem dos Advogados do Brasil.

Entre as condecorações recebidas,
contam-se a Medalha de Serviços de
Guerra do Governo Brasileiro, a Me-
dalha da Ordem do Mérito de Ta-
mandaré e a Ordem do Mérito do Go-
verno Chileno.

Militou, por algum tempo, na Im-
prensa, como colaborador dos jornais
"A Cidade" e "O Albor", ambos de
Laguna, em Santa Catarina, tendo
deixado publicados vários trabalhos
técnicos.

Casado com Dª Alice Fausto Gallotti,
teve deste consórcio dois filhos: Ben-
jamin e Alice, esta, casada com o
Dr. Osmar Bezerra, Procurador da Fa-
zenda Nacional.

De sólida cultura, brilhante inteli-
gência e excepcional bondade, foi o
Senador Gallotti uma das figuras
mais cativantes que já integraram o
Senado da República, aliando as gran-
des qualidades de administrador e po-
lítico, invulgar espírito de solidarieda-
de humana, traduzida, de maneira ob-
jetiva, na bela obra que é a creche por
ele fundada e mantida, onde recebem
agasalho e carinho dezenas de crian-
ças abandonadas.

Ficam aqui, pois, Sr. Presidente, Se-
nhores Senadores, consignados os mais
profundos sentimentos de dor e de
saudade do Partido Trabalhista Brasi-
leiro, pelo prematuro passamento da-
quela nossa colega, a cuja fulgurante
inteligência e ampla capacidade
tanto deve a Nação e particularmente
esta Casa.

A excelentíssima família enlutada,
enviamos nossas mais sinceras manis-
festações de conforto, em nome do PTB.

São estas as palavras e as homena-
gens do Partido Trabalhista Brasilei-
ro. Desejo ir um pouco além. Perdi
um velho e querido amigo e compa-
nheiro. Fomos contemporâneos na Es-
cola Politécnica do Rio de Janeiro,
onde tivemos oportunidade de travar
ôlimpas relações de amizade, para re-
sistirmos aos embates da vida durante
mais de 45 anos; fomos contemporâ-
neos depois de homens feitos e chefes
de família, nós estudos de Faculdades

de Direito, que embora diferentes, não
nos afastaram; ao contrário, mais nos
uniram. Dizia o velho Gallotti, como
afetuosamente o chamávamos; velhote,
estudamos tanto, que acabamos não sa-
bendo nada...

E finalmente, Sr. Presidente, depois
de muitos e trabalhados anos nós, aqui,
nesta alta Casa do Congresso, nova-
mente nos encontramos como velhos
companheiros e colegas. Em todo esse
longo período, nossa amizade se es-
treitou e fortaleceu. Francisco Ben-
jamin Gallotti era, antes de mais nada,
um homem honrado, um amigo que ja-
mais falhou, um patriota sincero. Nós
nos encontramos, em fases diversas de
nossas vidas e em situações muitas di-
versas. Ele sempre o mesmo amigo
leal e dedicado, sempre o homem ale-
gre e de espírito forte em todas as
situações; sempre um homem honra-
do na verdadeira acepção.

Sr. Presidente, um velho que se pre-
para para novo encontro com Fran-
cisco Benjamin Gallotti, quer deixar
aqui um voto de profundo pesar de
amigo de quase meio século, pela sua
grande viagem e pelo vácuo que sua
ausência representa para sua família
e para seus verdadeiros amigos. *(Muito
bem!)*

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador
Victorino Freire.

O SR. VICTORINO FREIRE:

(Não foi revisto pelo orador) — Sr.
Presidente, a Bancada do Partido So-
cial Democrático, seção do Mara-
nhão, desligada dos quadros da Ma-
joria desta Casa, associa-se às homa-
gens que o Senado está prestando
à memória de saudosos companheiros:
os Senadores Cunha Mello e Fran-
cisco Gallotti.

O Senador Cunha Mello, represen-
tante da região amazônica, de que
faz parte o meu Estado, era não só
meu grande e fraternal amigo, como
também do Maranhão. Nesta Casa,
tivemos acesos debates, e quando re-
conheci que S. Exa. tinha toda a
razão, penitenciei-me da tribuna. Daí
para cá, ligou-se a mim por amiza-
de permanente e fraterna.

O Senador Francisco Gallotti era,
nesta Casa, um espírito de delicadeza
e bom companheiro, folgazão, mas
sempre firme nos seus princípios.

Sr. Presidente, com estas singelas
palavras, nós, do Maranhão, nos as-
sociamos às justas homenagens que
o Senado da República presta aos
eminentes Senadores falecidos. *(Muito
bem!)*

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador
Barros Carvalho.

O SR. BARROS CARVALHO:

(Lê o seguinte discurso) — Senhor
Presidente, não sei em qual dos dois
pronunciamentos será mais sentida a
expressão de tristeza que hoje trago
ao Senado: se naquele em que tenho
traduzir a desolação da bancada tra-
balhista, ou naquele em que se incor-
poram meus próprios sentimentos, para
deplorar a morte do companheiro ines-
quecível, do amigo dileto que foi o
Senador Cunha Mello.

Esta é, Senhor Presidente, a pri-
meira vez que nos reunimos, desde
sua morte, ocorrida durante os dias
do recesso parlamentar. E, por isto
mesmo, muito recente a nossa dor,
para que eu me atreva a uma pers-
pectiva sobre o que foram a vida e a
obra de Leopoldo Tavares da Cunha
Mello.

Nem caberia nesta hora o seu ne-
crologio. Eu, pelo menos, Senhores
Senadores, não teria forças para fa-
zê-lo. Pois creio que me posso hon-
rar, velho amigo de sua família, de
haver sido, entre os colegas do Se-
nado, dos que mais intimamente par-
ticiparam da ternura e do convívio

do grande companheiro que perdesmos.

Filho de minha terra, nascido no Engenho Pirapema, à margem do Rio do mesmo nome e cuja Casa Grande — das mais belas jóias arquitetônicas da paisagem canavieira de Pernambuco — trouxe do berço essa nobreza de alma e de sangue que se respira naquela várzea pernambucana que ainda parece marcada pelo bom gosto aristocrático do Morgado do Cabo.

Pernambucano do Cabo, seu pai foi um Magistrado que honrou os tribunais de nossa terra e sua tradição floresce hoje na figura do filho ilustre, o Ministro Djalma da Cunha Mello, cujo nome exprime, por sua honradez e sua cultura, uma das glórias mais límpidas e mais puras da vida judiciária do país.

No Senador Cunha Mello, Senhor Presidente, não sei se era maior, no legado que recebeu do berço, a efusão da fidalguia da estirpe ou da fidalguia do espírito. Pois as duas eram, no contexto de sua personalidade humana, as tónicas de seu caráter.

Sob aquela aparência áspera e intransigente, distilava-se, Senhores Senadores, o mais copioso e puro leite da bondade humana.

Nenhum de nós poderá ter esquecido as distinções do acolhimento amável e fidalgo de seu lar, onde nos costumava proporcionar, ao lado de sua admirável companhia, as honras da mais amena hospitalidade que pudemos desfrutar nesta cidade, especialmente nos primeiros dias que sucederam à mudança da nova Capital.

As arestas de durezas e intransigência que um julgamento apressado pudesse encontrar em sua feição, serviam apenas para ocultar as abundâncias de um coração generoso. E não eram mais do que as marcas retílicas de seu temperamento cristalizado na geometria impecável do culto à verdade, à justiça, à honradez.

A verdade, a justiça, a honradez, Senhor Presidente, constituíram a trilogia em que se construiu a vida do Senador Cunha Mello e em que se blindaram suas qualidades humanas. Promotor em Manaus, depois de haver ilustrado o Ministério Público em vários municípios do interior do Estado, Chefe de Polícia do Amazonas, compreendeu a grande província nordesta a vocação do extraordinário homem público que acolhera e o incorporou ao seu povo e aos seus quadros de liderança. Por onde quer que haja passado, deixou Cunha Mello o rastro vivo de uma presença inconfundível. Sua ação, à frente da Procuradoria do Tribunal de Contas da República, permanece, ainda hoje, como uma comovedora lição de vigilância e incorruptível devoção aos interesses da Pátria.

Os mandatos eletivos com que o distinguiu o povo do Amazonas, tiveram sua consagração definitiva nesta própria Casa, onde nossa admiração o elevou, por três vezes consecutivas, à direção da Primeira Secretaria do Senado. Foi no exercício deste posto, Senhor Presidente, que lhe sobreram a tarefa e a honra de instalar a sede do Senado nesta sôva Capital. E foi como Primeiro Secretário que a morte o veio colher para desolação e irreparável prejuízo de todos nós.

Senhor Presidente:

Perdoe-me o Senado se não sou capaz de promover, nesta hora, a celebração que merece a memória inolvidável do Senador Cunha Mello. E se não sei mais do que deixar, sobre o luto de sua ausência, a profunda saudade de um coração de amigo.

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Gaspar Veloso.

O SR. GASPARE VELOSO:

(Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, nos dias

de 1915 fazia eu parte de uma turma que, no Colégio Estadual do Paraná, ouvia embevecida e entusiasmada as lições de História de um mestre emérito que possivelmente tinha plasmado a minha personalidade.

O encontro do "causeur" aliado ao profundo conhecimento da matéria, tornavam esta professor uma Sedução para os alunos, nas palestras de História. Com o olhar firme, sereno, tranqüilo, dominava o mestre a sala inteira sem que durante o curso tivesse, por uma vez só, alteado a voz ou repreendido qualquer dos alunos. Era de vê-lo ao ministrar as aulas que o seu talento ilustrava, com entusiasmo, definindo fatos históricos em que sobressaía, sempre, a bravura, a coragem, a tenacidade e a firmeza do caráter.

Lembro-me como calou no meu espírito ao nos contar o Professor que os persas advertiam Leônidas, no Passo das Termópilas, que eram tantas as suas flechas que escureceriam o sol, e Leônidas lhes respondeu: — "Melhor, combateremos a sombra!" Calava, também, em nosso espírito a inscrição na lápide funerária destes heróis, colocada nas estradas da Grécia: "Estrangeiro que passa, vá dizer a Esparta que aqui morremos cumprindo as suas leis". E assegurava o mestre, em seu entusiasmo, certo de que estava formando uma geração, que a inscrição se dirigia aos estrangeiros, porque para os gregos ela era desnecessária; sabiam que os seus soldados morriam cumprindo o dever.

Passam-se os anos, Sr. Presidente, Srs. Senadores, já não mais menino mas na puberdade tomei conhecimento do naufrágio do navio "Princesa Matilda". Minha admiração foi grande quando soube, pelo noticiário que, no tumulto que se estabeleceu naquela hora trágica, um homem de voz imperiosa, dominadora, bradava de revólver na mão: "Qui comando io!" E depois de deixar salvos todos os passageiros, desapareceu nas profundezas do mar, único túmulo digno de um homem daquele estirpe.

Depois, na maturidade, servi como interventor, homem também, forte, dominador, que sabia o que queria, um organizador. Esse gaúcho lembrava-nos, a nós mais moços, com aquela linguagem muito usada dos pampas, que o bom cavalo morre na raia.

Sr. Presidente, citei esses três fatos, da minha meninice, da minha adolescência e da minha maturidade, para explicar porque eu, que represento nesta hora o Partido Social Democrático, me sinto dolorosamente angustiado, ao apresentar as condições do meu Partido ao Senado da República e à Nação, pelo desaparecimento desses dois vultos que parodiando aquele Interventor no meu Estado, o ilustre Manoel Ribas, de saudosa memória, morreram na raia.

Eles, Sr. Presidente, no dizer do Evangelho, defenderam uma boa causa e combateram um bom combate, trazendo, no corpo as cicatrizes das lutas a que não fugiram porque eram justas. Eles não morreram, passaram apenas, deixando a nós outros, seus seguidores, rastros luminosos como exemplo de vida útil, no interesse da Pátria.

Sr. Presidente, o Partido Social Democrático, sente, neste instante, a ausência dos dois companheiros, mas o Senado está certo de que eles aqui permanecerão porque, no dizer do grande filósofo Augusto Comte, os vi-

vos são, sempre e cada vez, mais, governados pelos mortos. (Muito bem).

O SR. PRESIDENTE:

O Sr. Senador Fausto Cabral enviou à Mesa discurso a fim de ser publicado, na forma do disposto no artigo 201, § 2º, do Regimento Interno. S. Exa. será atendido.

E' o seguinte o discurso do Sr. Fausto Cabral.

O SR. PRESIDENTE:

Ao reiniciar os seus trabalhos na presente sessão extraordinária, o Senado o faz, tendo de assinalar, nos seus fastos, uma nota bastante triste. Hoje nos reunimos para um preito de saudade a dois dos nossos senadores mais estimados, duas figuras de alta expressão na vida pública do país: Cunha Mello e Francisco Gallotti.

Com a morte desses companheiros, se todo o Brasil perde homens públicos de alto quilate, perdemos nós, a par disso, dois amigos dedicados, que souberam grangear a estima e a admiração de todo o Senado, merecedores de todo o Senado, de tantos méritos de talento e coração, de caráter e de acendrado amor às causas do povo.

Cunha Mello e Francisco Gallotti, somos todos testemunhas, nunca mediram esforços para o bom desempenho de cargos e encargos que lhes foram destinados, durante a longa existência dedicada às atividades públicas. Outros oradores já destacaram, nesta e noutras oportunidades, os relevantes serviços prestados por ambos ao país, em diferentes setores. Seja no Executivo, seja no Legislativo, tanto o representante do Amazonas, como o seu colega catarinense, sempre se houveram com brilho nos mistérios que lhes foram destinados, demonstrando grande capacidade, inteligência e, sobretudo, honradez e firmeza de princípios.

Desnecessário, por certo, destacar esta ou aquela atuação dos nossos saudados companheiros, pois não se sabe o que lhes admirar mais, em meio a tantas virtudes reveladas. Mas, Senhor Presidente, o que não será nunca demasiado ressaltar, em Cunha Mello e Gallotti, é a característica que a ambos marcava mais fortemente: a bondade de coração, o trato lano e amistoso, a fidelidade de amigo, a fraternal acolhida que a todos sabiam dar, na mais sincera e pura manifestação de cordialidade. Esta a faceta primordial de ambos, para nós que com eles convivemos, durante vários anos. Justamente esse lado humano, que era um denominador comum da personalidade dos queridos colegas ora desaparecidos, é que gostaríamos de realçar, pois, sem dúvida, esta é a virtude que mais importa na formação do homem, porque é a que leva à compreensão, à complacência, à bondade, à pureza dos sentimentos, ao amor.

Fausto Cabral

Lamentando a ausência dessas saudadas figuras do Senado, que conosco partilharam das mesmas refregas, que conosco comungaram dos mesmos ideais, que conosco souberam suportar as duras contingências do quotidiano de nossa vida pública e que conosco viveram as mesmas alegrias do dever cumprido, resta-nos, apenas, o culto de sua memória, que ora reverenciamos, envolvidos na saudade mais sentida.

O SR. PRESIDENTE:

A Mesa associa-se ao Plenário nas comovidas e justas homenagens que acabam de prestar à memória dos dois

grandes brasileiros, Senador Cunha Mello e Senador Francisco Gallotti.

Foi com imensa emoção que ouvimos os discursos aqui proferidos, todos eles tocados de carinho e de profunda e sentida saudade dos companheiros que nos deixaram.

Cada um dos oradores lembrou um aspecto, uma particularidade, um fato da vida pública daqueles que tantos anos viveram entre nós e que aqui tanto trabalharam. Todos souberam projetar para o futuro, deixando indelevelmente gravada, nos Anais desta Casa, a personalidade de cada um dos ilustres extintos.

Foram dois grandes homens da Democracia que partiram. Foram dois grandes defensores da causa das leis, da causa da paz e da causa da fraternidade humana, que nos deixaram. Foram dois grandes representantes da causa da brasilidade, dois grandes patriotas que prestaram serviços inigualáveis aos seus Estados, ao seu País e à ordem democrática, na qual o Brasil se integra dentro do continente americano.

Jesus disse, prossequindo o "Sermão da Montanha": "Vós sois o sal da terra e a luz do mundo", referindo-se aos homens. Os dois companheiros aqui hoje homenageados, foram realmente, sal da sua terra e foram luz.

Mais adiante, no "Sermão", o Nazareno fala que é mister que aqueles que são luz, tomem a candeia e a coloquem sobre o velador, para que a sala toda fique iluminada.

Assim fizeram Francisco Gallotti e Cunha Mello. Com os seus espíritos e com o exemplo de suas vidas, foram duas cintilantes candeias do bem, da fraternidade e do serviço à sua gente e à sua pátria. Colocaram a luz da sua cultura e do seu patriotismo no alto velador, iluminando a sala inteira e o meio onde estiveram: o Senado e o Plenário do Senado.

Por isso, hoje, quando partem, ainda sentimos a vibração dessa luz e ouvimos, dos lábios de cada um dos Srs. Senadores, palavras tão profundas de lembrança, de saudade, de respeito, de carinho e de admiração.

A Mesa do Senado, profundamente comovida, associa-se a todas essas homenagens e declara que a Nação brasileira perdeu dois de seus mais ilustres e melhores homens.

Que grande falta farão ao Senado! Que grande falta farão à Pátria! Mas, que grande exemplo deixaram ao Senado e à Pátria!

Não há mais oradores inscritos — (Pausa).

Nada mais havendo que tratar, vou encerrar a sessão. Designo para a de amanhã, a seguinte

ORDEN DO DIA

PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 11, DE 1960

Primeira discussão do Projeto de Lei do Senado nº 11, de 1960, de autoria do Senhor Senador Calado de Castro, que dispõe sobre o tempo de serviço prestado em Brasília, por servidor público, civil ou militar, tendo pareceres: I — Sobre o Projeto (número 381, de 1961) — da Comissão de Constituição e Justiça, favorável com a emenda que oferece sob o nº 1-CCJ; (nº 382, de 1961) — da Comissão de Legislação Social, favorável ao projeto e à emenda e (nº 383, de 1961) — da Comissão de Finanças, favorável, nos termos do substitutivo que oferece. II — Sobre o substitutivo (número 383, de 1961) — da Comissão de Finanças — autora; (nº 692, de 1961) — da Comissão de Constituição e Justiça, favorável; (nº 693, de 1961) — da Comissão de Serviço Público Civil, favorável nos termos do substitutivo e pela rejeição da emenda nº 1-CCJ.

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 16 horas e 40 minutos).

PREGO DO NÚMERO DE HOJE: GR\$ 0,40